

Guerrilha e resistência em Cévennes. A cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas

Marlon Miguel*

Em o *Aracnídeo*, escrito em 1980, Fernand Deligny escreve o seguinte:

Em 1967, a guerrilha era uma espécie de *etnia* quase universal, a nossa sendo privilegiada pelo fato de que não corríamos o risco da morte ou da tortura a cada passo; na verdade, nós não arriscávamos senão o desaparecimento do nosso projeto que se contrapunha às normas, regras, regramentos em vigor; tratava-se para nós de descobrir o que asilo poderia querer dizer, ao mesmo tempo em que lutávamos em duas frentes; muitos eram aqueles que se manifestavam pela supressão do internamento asilar; nós não éramos absolutamente habilitados a acolher crianças ‘anormais’; nosso procedimento não poderia ser mais precário e não era simples distinguir sobre que quiproquós repousavam as convicções de nossos partidários e adversários, que tinham por sinal em comum a perspectiva da norma em direção a qual teriam necessariamente que tender, mesmo que virtualmente, as crianças que ali se encontravam. Ora, nós estávamos em busca de um modo de ser que lhes permitisse existir, mesmo que modificando o nosso, e nós não levávamos em conta as concepções do homem, quaisquer que elas fossem, e de forma alguma porque nós quiséssemos substituir essas concepções por outras; pouco nos importava o homem; nós estávamos em busca de uma prática que excluía de saída as interpretações se referindo a um código; nós não tomávamos as maneiras de ser das crianças como mensagens confusas codificadas e a nós endereçadas¹.

Primeiro ponto: Deligny diz assumir uma posição, e esta é uma posição de guerrilha: a luta asilar. Essa luta, pela sua supressão ou pela sua reforma, aparece entretanto capturada constantemente em uma armadilha: o discurso da norma. Como melhor *normalizar* o doente mental? A ideia de norma reenvia a uma dada *concepção do homem*, do que significa ser *homem*. Mas não é o *homem* que interessa a Deligny – é, como veremos, o *humano*. Trata-se então de buscar não uma filosofia, não uma concepção, não uma teoria, mas uma *prática*: prática essa que não se deixa compreender por um código, que não busca *interpretar* o que é feito pelas crianças ditas *anormais*.

* Marlon Miguel foi aluno da École Normale Supérieure (2008-2011) de Paris, professor e pesquisador convidado da Universidade de Leipzig em 2011/2012. Atualmente é doutorando e professor (ATER: attaché temporaire d'enseignement et de recherche) no departamento de artes plásticas da Université Paris 8 Vincennes Saint Denis (doutorado em co-tutela com o departamento de filosofia da UFRJ). Pesquisa atualmente o trabalho de Fernand Deligny e co-organiza os arquivos do mesmo para o IMEC (Institut Mémoires de l'édition contemporaine), Paris, França. Contato: marlonmiguel@gmail.com

¹ Deligny, F. *L'aracnéen et autres textes*. Paris: L'Arachnéen, 2008, *L'Arachnéen*, §37, p. 60. Todas as traduções dos textos de Deligny no artigo são de nossa autoria.

Gilles Deleuze² insistiu bastante, em seus textos sobre Deligny e o método cartográfico, que não se trata de interpretar o comportamento das crianças, mas de identificar/ localizar espacialmente (Deligny fala, em francês, de *repérer*) os movimentos delas. A interpretação supõe em primeiro lugar um código que dê sentido à interpretação (no caso mais caricatural psicanalítico: a maquinaria desejante remetida a noções que a significam constantemente, a centros de significância territorializantes, tais como a falta, o Édipo, o falo, etc...), e em segundo lugar, esse código mesmo supõe um certo conceito de *Homem*. Toda concepção generalizada de Homem é necessariamente uma concepção de um modo de existência, de um modo de ser, que nos é familiar, que é o nosso. Por isso Deligny diz que se trata sempre do *Homem-que-nós-somos* (ou de “On”, “HON”, “ser consciente de ser”...). Falar do *Homem*, querer defini-lo, é então em realidade projetar tudo aquilo que nos é familiar (a consciência, a vontade, o modo de relação dialógico sujeito-sujeito/ sujeito-objeto, etc...) em um conceito abstrato. Esse conceito abstrato se torna então uma Norma a qual os indivíduos os mais diversos *devem* corresponder, *devem tender mesmo que virtualmente...* Essa tendência de *semelhançar* [*semblabiliser*] o outro é o perigo dessa projeção. É justamente o que critica Deligny no fim do texto *Carte prise, Carte tracée* em dois psiquiatras: “que cada alienado seja tratado como ‘sujeito’”³. Tratá-los como sujeito é, em verdade, assujeitá-los, projetar sobre eles um modo de ser específico e ao qual eles terão que corresponder. Eis o campo problemático de Deligny.

No final dos anos 1960, após deixar a clínica de La Borde, Deligny se instala no sul da França, em Cévennes, onde ficará até morrer. A *tentativa*⁴ é, em sua base, simples e sem premissas: criar uma *vida em comum* com crianças atingidas por um autismo profundo, a

² Deleuze e Guattari dedicaram diversos textos à Deligny. Deligny trabalhou com Guattari e Jean Oury em La Borde entre 1965 e 1967, onde organizou ateliês de desenho, artesanato e cinema, e fez a edição de três números dos *Cahiers de Fgeri*. Em 1967, Deligny deixa La Borde e parte para Cévennes. Ele se instala inicialmente em Gourgas, onde Guattari tinha uma propriedade, e em seguida em Graniers, próximo do vilarejo de Monoblet no departamento do Gard, onde ficaria até sua morte em 1996. Gourgas permanece uma unidade da rede de Deligny até fim dos anos 1970. Assim, Deligny desde os anos 1960 mantém um contato constante com Guattari. Guattari cita Deligny em *Revolução molecular*; Deleuze em *Crítica e clínica* e em *Diálogos* (com Claire Parnet). Enfim, Deligny intervém de maneira decisiva em *Mil Platôs (Rizoma, platôs 8 e 9)*. Deligny por sua vez dedica alguns textos a Guattari, cita ambos algumas vezes (p.ex. em uma das diversas versões do texto *Camérier*), mas de maneira geral de modo evasivo e ambíguo. Entretanto, na quarta edição do *Cahiers de l’immuable*, que não chegou a ser finalizado e nunca foi editado, Deligny cita *Rizoma* de maneira elogiosa, dizendo que poucos textos haviam explicado de maneira tão precisa sua prática.

³ Deligny, F. 2008, *L’arachnéen et autres textes*. Op. Cit. *Carte prise, carte tracée*, p. 138.

⁴ Deligny caracteriza sua vida a partir de uma série de *tentativas*: a classe especial de uma escola em Paris (1938), o asilo de Armentières (1939 e em seguida 1940-1943), o centro de observação e de triagem de jovens “inadaptados” (delinquentes, sobretudo) em Lille (1945), a instituição *La Grande Cordée* (1948-1965), enfim a rede em Cévennes... Deligny define uma tentativa como uma posição radical a se tomar, como algo próximo de uma obra de arte, no sentido em que ela deve inovar, fabricar um método que desvia o “fazer como” (Cf. Ibid. p. 135).

maior parte incapaz de falar. Porém, como criar um *comum* com pessoas que funcionam de modo radicalmente diferente sem impor-lhes de antemão as regras de funcionamento dessa vida? O *comum* é então ao mesmo tempo o ponto de partida e o objetivo do “projeto”. Para tal, Deligny buscou formas de territorialização comum do espaço.

Trata-se, em primeiro lugar, de uma organização que é de fato e concretamente em *rede*. Diferentes pessoas vivem em pequenas unidades (*aires de séjour*) espalhadas em um grande território. Essas unidades são em geral coordenadas por um ou dois adultos (*présences proches*) e se encontram entre cinco e vinte quilômetros de distância umas das outras. Algumas unidades são simples acampamentos, outras uma pequena chácara com horta ou criação de cabra, outras uma pequena casa com um forno para produção de pão, etc... Elas são ao mesmo tempo interligadas, mas livres para experimentar como quiserem a vida no território. As crianças são livres para vagar por todo o território da rede e uma vez por semana pelo menos as *presenças próximas* se reúnem em uma das unidades, o Serret, o laboratório da rede, para discutir os “projetos”, os diferentes dispositivos e práticas.

É nesse contexto que surge a cartografia. Os mapas são um conceito geral que aparece entre 1969 e 1970. Trata-se na verdade de uma noção bastante alargada, pois todo desenho feito por uma presença próxima em relação a uma criança autista ou uma *aire de séjour* é chamado mapa. O mito conta que esses mapas surgiram de forma casual, como uma indicação de Deligny a Jacques Lin, uma presença próxima que vivia acampada no Serret. Jacques não sabia em certo momento o que fazer em relação a uma criança, como cuidar dela, visto que ela se mordida, batia sua cabeça contra a parede, em impulsos completamente autodestrutivos que não cessavam. Deligny propõe então que em vez de fazer algo, em vez de intervir diretamente, que ele se afastasse e tentasse apenas traçar os movimentos dela.

Diversos mapas indicam o que há para *fazer* na *aire de séjour*, ou seja, o *projeto* dos adultos, sujeitos conscientes de si mesmos que agem sempre em função de uma finalidade: *fazer* a comida, lavar a louça, cuidar do jardim, fabricar o pão, o queijo, etc... E eles indicam como as crianças passam ao *agir* graças a essas atividades. O *agir* autista, diferente do *fazer* do sujeito, diz respeito a um modo de ação não intencional, *agir sem fim* (sem finalidade e que não cessa) de seres que não são sujeitos – que não são estruturados

pelo simbólico, pela palavra⁵. O *agir* autista é representado pelo que Deligny chama de *linhas de erro*. Em diversos mapas, o que vemos então é como as linhas do agir atravessam as linhas do fazer, como a ordem do fazer permite que o agir irrompa e o pontue de nova forma. Trata-se de linhas *de erro*, pois elas parecem incompreensíveis para o adulto e os projetos por ele formulados. Por que uma criança faria um desvio extremamente longo pelo rio se ele está carregado de madeira para o forno e se poderia seguir uma linha reta e mais curta? Por que ele descasca uma laranja se não quer comê-la? São, pois, linhas de errância, linhas erráticas que inscrevem o *erro* no “bom senso” do adulto “normal”.

A cartografia é questão de performance como afirmam Deleuze e Guattari em *Rizoma*, no sentido em que a cartografia é componente integrante do processo de *territorialização*. O espaço se torna território, um *corpo comum*, graças ao *traçar*. Permanecendo em termos deleuzo-guattarianos, o espaço é primeiro desterritorializado (e ele será radicalmente desterritorializado para que ele se torne propício aos autistas) para em seguida se tornar território. O mapa ajuda nesse processo de desterritorialização-territorialização, pois o território não preexiste ao traçado do mapa: o mapa não é mera *transcrição* do espaço. Mas os mapas são uma prática de grande extensão e dizem respeito a uma desterritorialização generalizada, para muito além do espaço. *Les cartes servent à écarter*, os mapas servem ao desvio, são em verdade meios para uma *deriva* e para uma ampla *desterritorialização*: a. do olhar intencional (para alcançar o *ver* autista, ou seja, talvez não compreender, mas simplesmente ver, identificar, localizar, tudo aquilo que atrai a criança autista e a conecta a atividades); b. da subjetividade (para alcançar o nível impessoal e *infinitivo* do autismo; *traçar sem fim*, traçar por traçar); c. do homem ‘normal’, ‘são’ (para alcançar um território comum, um *Nós comum*, dividido por pessoas ditas normais e pessoas autistas); d. da linguagem discursiva (para alcançar uma linguagem comum não verbal: linguagem do *traçar*). Os mapas procuram nos dar imagens que não sejam aquelas do reconhecimento, imagens de um reflexo no espelho – ao contrário, eles buscam fabricar imagens onde não possamos nos reconhecer e a partir das quais possamos

⁵ A relação de Deligny com Lacan é extremamente ambígua. Deligny começa a ler alguns seminários de Lacan no período em que se encontra em La Borde. A partir desse momento, até os anos 1980, ele faz uma leitura livre e transversal da obra lacaniana. Deligny desmonta a tríade simbólico-real-imaginário, mas se vale constantemente dos conceitos de real e simbólico. A noção de “imaginário” lhe parece problemática, pois justamente ele buscará pensar a “imagem” a partir do real. Embora Deligny negue muito da prática psicanalítica, ele parece definir o autismo a partir de uma concepção psicanalítica de um indivíduo cujo simbólico é fraturado ou mesmo não existente. Além disso, Deligny usa a palavra “estrutura”, mas opera um deslocamento: a estrutura é não o inconsciente ou a linguagem, mas o “aracnídeo”, ou seja, a potência humana de estabelecer relações uns com os outros e entrar em rede. Para um desenvolvimento da noção de “aracnídeo”, ver o texto com esse título (*L’Arachnéen et d’autres textes*, Op. Cit.).

ver não o que falta às crianças, mas o que falta a nós. Trata-se pois de imagens furadas, onde a posição do sujeito que reconhece a si mesmo se desmorona, diferente, pois, de imagens-espelho, onde o sujeito se reconheceria e se confirmaria. Os mapas provocam dessa forma um deslocamento e uma mudança de perspectiva. As crianças são vistas como singulares e diferentes, mas isso não implica que haja uma diferença de grau ou de natureza em relação a elas. Os adultos “normais” não devem pois se projetar sobre elas, não devem “*semelhantizar*” [*semblabiliser*].

Os mapas falam de um *Nós* produzido pela rede e não por um sujeito específico e isolado. Os mapas são mapas de trajetos, mas também de gestos (fazer o pão ou lavar a louça, varrer a cozinha...), mapas onde vemos micro-acontecimentos: a passagem da criança ao *agir* a partir de um *fazer* cotidiano proposto pelos adultos, passagem que se denota em uma *linha de erro*. E é preciso entender o sentido desses micro-acontecimentos. As crianças que vivem na rede são autistas mudas profundas, algumas delas consideradas por psiquiatras “incuráveis” e “ineducáveis”; crianças movidas por impulsos extremamente violentos de autodestruição e completamente presas em seus movimentos estereotípicos. Dessa forma, abandonar tais movimentos e tomar parte em atividades – mesmo que da maneira própria delas, isto é, sem a intenção de realmente *realizar* essas atividades – consiste em um verdadeiro acontecimento. Enfim, o território, o *corpo comum*, o *Nós*, é o resultado da trama da vida costumeira dividida por adultos normais e crianças autistas, é o que existe *entre* eles. No entanto, o movimento dessa trama lhes escapa no sentido em que ele não é um código reprodutível. Por isso, o mapa é o modo mesmo de traçar o *corpo comum*.

Deligny nota constantemente que os mapas não são instrumentos analíticos, nem tampouco de um saber positivo. “Os *mapas*, para falar a verdade, não dizem muita coisa, senão que nós não sabemos, de forma alguma, do que se trata nem o *humano*, nem o *comum*”⁶. Os mapas são antes dispositivos performáticos e de *evacuação*: evacuação da linguagem verbal [*instrument pour refouler le formulé*, para reprimir o formulado] e da “angústia terapêutica”. Por um lado, os mapas servem para tratar a angústia daqueles que supostamente devem *tratar*, tomar conta das crianças – os mapas são um meio de liberar a sobrecarga dos adultos nas crianças –; por outro lado, os mapas permitem aos adultos verem o que não lhes concerne – como uma criança se desvia e erra, os movimentos ornamentados das crianças, a atração por certas coisas e regiões, etc..., e desta maneira eles

⁶ Ibid. p. 138.

podem voltar ao território de modo a rearranjá-lo, retrabalhá-lo, etc... Os diferentes mapas que se referem a uma mesma criança mostram como ela se territorializa, como ela passa a habitar o espaço, o que ela localiza (*repère*) ou não no espaço, etc... Os mapas explicam mais a incapacidade do adulto de entender realmente o movimento da criança do que a razão ou a origem do próprio movimento. Mas eles servem à proposta de pensar o espaço como uma verdadeira *instalação* que é constantemente reinvestida.

Segundo Deligny, os mapas são como *telas* onde o que aparece são *imagens furadas* – não imagens onde nós poderíamos nos reconhecer ou reconhecer algo de preciso, mas imagens puramente descritivas, sem profundidade, sem significância e que evacua o sujeito. São, como dizíamos acima, o contrário de *imagens-espelho*. No texto *Les cahiers de l'immuable*, Deligny diz que os mapas “esclarecem essa extraordinária sensibilidade da criança psicótica à ordem das coisas. [...] Sensibilidade ao corpo comum, rede de marcos [*repères*] e de traços que se estendem entre um e outro, que não são nem um, nem outro”⁷. A crítica à linguagem feita por Deligny é na verdade uma crítica ao sujeito formado, que alcançou o simbólico, que é por ele estruturado e que impõe seu modo de ser como o único possível e existente. Mas se nas psicoses e no autismo profundo o acesso ao simbólico é interrompido, fraturado ou inexistente, então esse aparelho-linguagem não funciona e é por uma outra via que se terá que trabalhar. Os mapas são assim um modo de desviar da linguagem e de ver o que não pode ser visto por um sujeito justamente por causa da sua linguagem – ou seja, por causa da posição que ele ocupa enquanto sujeito. A fórmula de Deligny “ce qui ne se voit pas” (o que não *se vê*) é emblemática: não é possível ver por causa da reflexividade, desse *se*, dessa posição que é a do sujeito e do verbo conjugado na pessoa. É o que diz Deligny em *Le croire et le craindre*: “Essa prática de guardar traços em uma folha transparente de modo que possa aparecer, em filigrana, o que, do visível, não pode *se ver*, de tanto que o aparelho de ver se confunde com o aparelho de linguagem”⁸. Ou ainda, lemos em *Acheminement vers l'image*: “Mapas quebra-vento e de que vento se trata? De onde vem esse vento? Da linguagem que nos carrega”⁹. Os mapas procuram construir uma outra máquina, um novo agenciamento maquínico; eles são a descrição de uma *outra semiótica*, inteiramente diferente para nós, que funciona segundo outro regime de signos e outro regime de corpos. A prática diz respeito a indivíduos que não são estruturados como sujeitos. Mas podemos dizer que é também uma questão ontológica

⁷ Deligny, F. *Œuvres*. Paris : Éditions de l'Arachnéen, 2007, p. 852.

⁸ Ibid. p. 1181

⁹ Ibid. p. 1699.

mais fina. Pois mesmo aqueles que vivem no simbólico, na significância, são constantemente atravessados por linhas a-significantes – Deligny prefere falar de forças *a-simbólicas* ou *a-conscientes*. É justamente o que afirma Deligny em *L'agir et l'agi*: “Essa identidade a-consciente que eu digo que nos percorre”¹⁰.

Há sem dúvida algo de profundamente rizomático nisso tudo, justamente como apontam Deleuze e Guattari. Por isso, podemos afirmar: *Rizoma e Rede ressoam*¹¹. Não se suprimem as singularidades, não se *semelhantiza* homogeneizando, mas buscam-se meios de conectá-las de modo a se criar um comum. Se o aparelho de linguagem não funciona no autista, então se buscará fabricar novos aparelhos – ou novas “máquinas”. A gestualidade e a corporeidade desenvolvidas pelos adultos (graças à introdução no cotidiano de “gestos para nada”, ao quais voltaremos mais tarde) nos faz pensar em um devir autista por parte deles. Mas rizomático é também a relação entre os mapas – sem centro específico (no limite, não sabemos nem mesmo a quem eles se referem, por quem foram feitos), uns se conectam com os outros, e eles servem à produção desse território, desse corpo comum. A ideia de *corpo comum* é também interessante: um novo corpo, para além do corpo organizado conhecido, para além de seus órgãos e funções específicas – um novo *corpo sem órgãos*, poderíamos dizer¹².

¹⁰ Deligny, F. *L'Arachnéen et d'autres textes*, p. 127.

¹¹ Deligny em texto inédito do quarto *Cahier de l'immuable*, mencionado na nota 2, considera justamente “rizoma” e “rede” como sinônimos ou termos correspondentes. “Que eles digam rizoma, enquanto eu digo rede, pouco importa”. É preciso notar entretanto que existem diferenças consideráveis entre Deligny e Deleuze/ Guattari. Em primeiro lugar, Deligny é muito pouco “filósofo” no sentido clássico. De sua escrita e de suas práticas, emerge certamente um pensamento filosófico – e um certo número de operações conceituais – que se afina cada vez mais ao longo dos anos. Mas trata-se de uma escrita bastante livre e que busca constantemente fugir de conceitos petrificados – por isso uma constante criação de novas palavras e noções. Poderíamos mesmo dizer que há um certo anti-filosofismo em Deligny. Se há “filosofia” em Deligny, ela surge “apesar” dele mesmo. Deligny por sinal não parece se interessar muito pela literatura filosófica – ele lê sobretudo literatura – e suas leituras mais teóricas são feitas de modo transversal e a partir de livros que seus diferentes interlocutores lhe mandam. Devemos fazer uma exceção no que concerne Henri Wallon, Lévi-Strauss e André Leroi-Gourhan. São esses os autores que Deligny lê de maneira mais consequente e parecem lhe inspirar de modo mais forte; é nessa constelação que devemos ler Deligny. Enfim, a relação Deligny-Deleuze/ Guattari deve ser vista muito mais na direção Deleuze/Guattari, leitores de Deligny, do que o inverso. A prática em Cévennes fornece sem dúvida um exemplo perfeito de uma prática micropolítica e é uma inspiração importante para a escrita de *Mil Platôs* – sobretudo no que concerne a “teoria das linhas”. Além disso, a leitura de Deleuze e Guattari é bastante coerente em diversos pontos, mas ela de modo algum esgota o pensamento de Deligny – que deve ser relido na sua relação bastante direta aos diferentes campos discursivos nos quais ele atua: antropológico (em um perspectivismo do humano), clínico (na discussão sobre o autismo, normalidade/ anormalidade), estético (em sua produção literária no que concerne à escrita poética; em sua reflexão sobre a cartografia no que concerne às artes plásticas e à arte bruta; em sua prática cinematográfica e sua teoria da imagem no que concerne ao cinema), filosófico (em sua relação com Althusser e sua discussão sobre o comum, por exemplo), etc... Se perdemos de vista esses diferentes campos discursivos, é um Deligny incompleto, imediatamente deleuzo-guattariano, com o qual teremos relação.

¹² Aqui, novamente, há algo a dizermos acerca de uma diferença importante. O pensamento de um comum radical em Deligny, de um *corpo comum*, se inspira no fato de que a criança autista vive em um mundo no

E é justamente de um indivíduo, singularidade radical tomada nesse corpo sem órgãos, nesse território-corpo-comum, que se trata. As distinções de natureza entre seres, entre pessoas, se dão sempre segundo a lógica do *homem*, do *homem-que-nós-somos*, que traça linhas de divisão entre o que é semelhante e pode ser considerado homem e o que, ao contrário, deve ser excluído e não considerado homem. Porém, Deligny busca outra coisa: o *humano*. É o que lemos no fim de *L'agir et l'agi*: “resta o humano do indivíduo indistinto, fora da lei desde sempre e já, o que não quer dizer de forma alguma que ele seja minimamente transgressor; o “ele”, devidamente distinguido, não é desse mundo aí”¹³. O resto, o que resta do resto, é esse humano, elemento fóssil que se trata constantemente de reatualizar. Ser rizomorfo a partir da árvore, dizem Deleuze e Guattari; ser humano apesar de ser Homem, diz Deligny: “É então ao homem que eu era refratário, o que me punha na necessidade de ser humano”¹⁴. Trata-se nos dois casos de *fabricação* e a fabricação desse devir se faz, para Deligny (como para Deleuze e Guattari), em comum, em rede, tecendo junto uma rede – em um processo não-intencional, não imaginado de antemão, não dado, e que ele chama de *aracnídeo*. O indivíduo se vê então capturado nessa rede aracnídea, de forma que ele se torne outro. “Que o traçado das linhas do aracnídeo da rede seja tão permanente como as linhas da mão, é mais ou menos o que eu quero dizer, com a diferença que a rede de linhas da mão se vê sem dificuldade, enquanto a do aracnídeo permanece – incessantemente – por se descobrir”¹⁵.

qual ele não representa seu corpo como um mundo unificado e fechado sobre si. Em graus mais agudos, seu corpo se mistura com os outros corpos e a distinção sujeito/objeto é inexistente ou parcial. Trata-se de um indivíduo imerso em um verdadeiro corpo sem órgãos, de onde o fato de que tirar os objetos de seu lugar possa ser tão doloroso para um autista: é como se estivéssemos mexendo em seu corpo. Talvez a prática de um território comum em Deligny seja a de fazer com que os adultos normais possam deixar pouco a pouco, por um momento, de ser o sujeito que são, deixem de viver tão radicalmente a experiência da divisão do eu, e que, por outro lado, os autistas, através do processo terapêutico, possam, por sua vez, ordenar minimamente o espaço e constituir um corpo “próprio”. Essa constituição de um corpo próprio é a condição para que eles deixem seus movimentos estereotípicos e para que possam se ligar e fazer relação com o outro – sem esse corpo próprio minimamente constituído, sem bordas e contornos não há de fato “outro”. Por isso a estratégia do “imutável” (*immuable*) e do costumeiro (“*coutumier*”), como formas de ordenação precisa e detalhada do território, dos seus objetos/ coisas, das tarefas, dos movimentos e gestos das presenças próximas, é tão importante para o processo terapêutico. Se quisermos usar termos deleuzo-guattarianos, poderíamos dizer que trata-se para os adultos normais de construir um corpo sem órgãos e para as crianças autistas de desconstruir seus corpos sem órgãos. O território comum é o resultado desse duplo movimento de construção-desconstrução, no qual dois polos opostos vêm eventualmente e nunca de forma completamente definitiva se encontrar.

¹³ Deligny, F. *L'Arachnéen et d'autres textes*, p. 126.

¹⁴ *Ibid.*, §11, p. 22.

¹⁵ *Ibid.* §36, p. 59.

Passemos a um mapa específico. Trata-se de um mapa feito pela presença próxima Gisèle Durand na *aire de séjour* de Graniers em julho de 1976¹⁶. A linha em pastel marrom corresponde ao caminho costumeiro – o trajeto caminhado frequentemente pelo adulto (o homenzinho sem cabeça) para ir buscar alface em um porão. O *costumeiro* são as tarefas e os trajetos cotidianos pensados a fim de cuidar do espaço de vida – são os microprojetos, as coisas a *fazer*. A vida na rede é disciplinada, repetitiva e ordenada; essa repetitividade é a maneira encontrada pelas presenças próximas para estabelecer as condições propícias para as crianças autistas de um viver apaziguado. É graças a esse campo *imutável*, fabricado por eles, que os autistas podem tomar parte nas atividades. As linhas em nanquim se referem aos movimentos das crianças – são as *linhas de erro*. Nesse caso, Janmari primeiro faz balanços (um movimento estereotípico, ou seja, um movimento típico autista, aqui descrito por círculos). Ele abandona o movimento graças ao *simulacro* (linha preta em zigzag) – os *simulacros* são *gestos para nada* feitos pelos adultos. As presenças próximas introduzem esses gestos no território como signos sem significado, mas que *pontuam* e dão ritmo às tarefas: bater com as palmas das mãos, bater com certos objetos dispostos no território unicamente com esse fim, etc... Há toda uma pesquisa de usos possíveis de objetos e de gestos como mostram alguns diários feitos pelas presenças próximas¹⁷. É toda uma esfera ritualizada que é introduzida e que nos permite pensar um certo “devir autista” dos adultos. Após ser “capturado” pelo simulacro e abandonar assim seu balançar, Janmari passa em seguida pelo corredor, que ele pega, e toma o caminho costumeiro. Ele cruza então a primeira zona concêntrica (*cerne*), ultrapassando a primeira região onde o evento começa e onde a presença próxima (Gisèle Durand) se encontrava inicialmente com Janmari. O segundo círculo descreve o espaço do costumeiro. Janmari chega então ao lugar do porão, onde ele deveria encontrar a alface. Mas nesse dia, ele não encontra a alface que normalmente deveria estar ali. Há então uma *fratura* (descrita por duas linhas pretas não interligadas). O “Y” é o signo do *chevêtre*, do *emaranhado*¹⁸, o

¹⁶ Deligny, F. *Cartes et lignes d'erre*. Paris : Arachnéen, 2007, p. 291. O mapa se encontra reproduzido no fim do artigo.

¹⁷ Alguns desses diários podem ser vistos nos *Cahiers de l'immuable*, que foram reeditados nas *Obras* (2007).

¹⁸ *Chevêtre* é uma noção fundamental desenvolvida por Deligny a partir dos mapas. É o ponto nodal onde as diferentes linhas, tanto dos adultos, quanto das crianças, se encontram, se cruzam e por vezes se interrompem. A noção diz respeito assim justamente ao comum constituído. São pontos de interseção dos trajetos e portanto da vida em comum. A tradução do termo é difícil, pois se refere, por um lado, a algo de muito concreto, termo utilizado na construção civil (especialmente na construção de pontes) e denotando a peça que liga e suporta partes da estrutura, da armação; por outro lado, ouve-se no *chevêtre* evidentemente o *enchevêtré*, isto é enredado, embolado, emaranhado. Decidimos traduzir o termo por *emaranhado*, embora

ponto de entrecruzamento dos caminhos dos adultos e das crianças – ponto de entrecruzamento também do *agir* e do *fazer*. O “Y” é traçado sobre o desenho de uma cesta – objeto que indica o projeto visado pelo adulto: buscar a alface a fim de preparar a comida. Mas nesse mesmo ponto “Y” se encontra também o *agir* da criança. Em função da repetitividade da tarefa, a criança deixa a passividade e passa à atividade: ela erra, mas é também “capturada” pelo *costumeiro*, pelas coisas a *fazer* distribuídas no espaço; ela não tem a “intenção” de realizar essas tarefas, mas essas ações acabam por ser incorporadas em sua errância. Janmari cruza em seguida a segunda zona concêntrica ultrapassando a fronteira do *costumeiro* (a linha preta vertical descreve esse *limite*). Janmari vai agora a um novo ponto, onde se encontrava quatro anos antes uma outra cesta. Deligny descreve constantemente essa “outra memória” do autismo (a *memória específica*), onde o tempo não corre – o tempo é antes espacializado, como se tudo fosse memorizado em um mesmo plano pela criança de maneira que tudo parece presente. Janmari está perdido e retoma o movimento do balançar. Os pontos pretos no mapa representam *marcos espaciais* (*points de repère*). Esses marcos podem ser coisas, pessoas ou ações, ou seja, tudo o que é localizado pela criança e que a ajuda a organizar o seu espaço, territorializando-o. Para que o espaço se torne um território, ele deve ser investido: um espaço, tal como uma instalação, onde cada objeto é disposto minuciosamente. O território é assim fabricado ao longo do tempo segundo uma precisão total e refletida. Esse aspecto aparentemente “estético” é entretanto essencial: tudo no espaço (disposição de coisas e de corpos, gestos, movimentações), tudo é pensado, e, em seu limite, coreografado. É essa a condição de estabelecimento do *costumeiro*. Por fim, o quarto círculo é a *zona concêntrica virtual*, que sugere que o espaço do *acontecimento* poderia acontecer em outro lugar e em outras circunstâncias, segundo uma nova combinatória.

Esse “mapa da salada” descreve um *acontecimento* singular e nos ajuda a ver diversos elementos: em que consiste essa “memória específica”, a reação da criança aos *marcos espaciais* e aos *gestos para nada*, sua relação com o *costumeiro* e com o *imutável* de modo que ela deixe os movimentos estereotípicos. A presença próxima segue a criança, mas procura não intervir. Ela sabe que não pode fazer nada diretamente, mas somente tentar, uma próxima vez e ao longo do tempo, rearranjar o espaço. O “tratamento”, se podemos usar essa palavra, se dá em uma longa duração e através do território. O mapa

assim perdamos o aspecto concreto e material do termo original, pois esse termo parece significar melhor e mais imediatamente esse enredamento pensado por Deligny. Além disso, vemos/ouvimos nele a palavra “aranha”, tão cara a Deligny.

não mostra então a origem do sintoma da criança (posição psiquiátrica: o que a criança “tem”, a que “caso” ela diz respeito), mas como o adulto pode melhorar sua relação com o espaço, como a criança se apropria e habita esse espaço; é a partir daí, do espaço, que surgem pistas de como construir esse *comum*. Outros mapas mostram gestos específicos (varrer a cozinha, por exemplo¹⁹), outros são séries de mapas produzidos ao longo de dias, semanas, meses, descrevendo o mesmo espaço e as mesmas atividades, de forma que vemos a progressão da criança se apropriando do espaço, etc....

A questão dos *gestos para nada*, mencionados acima, e representados pelos *simulacros* nos mapas, é particularmente interessante. Deligny define o *agir* autista como esse agir sem finalidade, *agir sem fim*. Os adultos começam então ao longo dos anos a incorporar esses gestos e eles mesmos reproduzi-los no território. É a *ornamentação* gestual e territorial, os *arabescos* que são introduzidos, como se a vida fosse estetizada, coreografada e ritualizada, como se o espaço de vida se tornasse uma instalação. Posicionamento de pedras no território por onde as presenças próximas passam e instituem algum tipo de ação (bater nela com outro objeto, girar em torno dela, jogar uma pedra em cima dela, etc...), gestos que produzem certos sons (bater com as palmas das mãos, estalar os dedos), ornamentação das atividades (lavar a louça lentamente, de forma ritualizada e empilhá-la, a fim de que ela seque como se fosse uma construção), etc... São formas que servem ao mesmo tempo para ordenar o espaço para a *psyché* autista e como formas de dessubjetivar os adultos assujeitados, eliminando parcialmente o aspecto utilitarista e finalista das ações. O *ornamento*, ou mais especificamente o *ornamentado* (*orné*) não é algo que se faz sobre, mas é o *topos* mesmo da comunalidade, o lugar onde as linhas do *fazer* e do *agir* se encontram²⁰. Essa ornamentação diz respeito, sem dúvida, às coisas dispersas no território, aos gestos, ao próprio costumeiro, mas também ao *ritmo*. Os gestos e os sons *pontuam* o tempo, e essa rítmica parece essencial tanto para o processo de ordenação do real para os autistas, quanto para o processo de dessubjetivação dos adultos. Enfim, essa rítmica é o suporte mesmo de uma nova vida em comum, onde os códigos alternativos dessa nova territorialização podem emergir.

Esse *gestos para nada* ou esse *agires no infinitivo* tornam-se então uma constante na pesquisa desenvolvida na rede. Deligny busca inventar uma forma de escrita infinitiva,

¹⁹ Ver Deligny, F. *Œuvres*, Op. Cit. p. 1307.

²⁰ Para se ter uma noção desses gestos e dessa espécie de “ritualização” ou “ornamentação” da vida, os filmes *Projet N* et *Ce Gamin, là*, feitos na rede respectivamente por Alain Cazuc e Renaud Victor, oferecem excelentes exemplos. Um exemplo é uma cena de *Ce Gamin, là* aos 53 minutos, onde presenças próximas preparam um farnel e uma criança autista toma parte na atividade.

de língua menor que dê conta dessas questões. Da mesma forma, ele pensa o cinema como um processo de *recolher* imagens – não produzi-las intencionalmente, mas deixar que elas surjam. Interromper a imaginação (o que se quer imaginar, o que se deseja de antemão ver...). Trata-se antes de criar um contexto, onde as imagens surjam – *como que por inadvertência*. Da mesma forma, o território se torna um contexto ornamentado, onde o *agir* infinitivo irrompe, floresce. Todos esses diferentes dispositivos (a caneta, a câmera, o mapa) que remetem a diferentes práticas (o escrever, o “camerar”, o cartografar) são formas de *traçar* o território e um modo de existência outro procurado por Deligny e as presenças próximas.

Os diferentes dispositivos e suas práticas visam assim a criar uma nova determinação propícia a esse modo de existência outro no qual a palavra, o simbólico, a significância podem eventualmente ser capturados em formas outras. Trata-se de uma pesquisa profunda por parte das presenças próximas, de um engajamento real e radical de seus corpos visando à sua transformação. Se a cartografia tem um papel aí tão fundamental é no sentido em que ela permite um trabalho de experimentação afinado ao território. Trata-se, pois, de uma prática territorial, de modo a transformar o meio e a determinação do meio sobre os indivíduos que nele circulam. No caso dos autistas, seus *agires* inatos, seus reflexos (o balançar, os impulsos autodestrutivos...) podem se transformar se a determinação do meio se alterar – ou ao menos é essa a aposta de Deligny, influenciada sem dúvida pelas suas leituras de etologia. A questão é justamente a do *agir*: que sentido ou forma dar a ele? Como arrancar as crianças da passividade de suas condições – a condição que é aquela em que boa parte delas chegava à rede – e lhes propiciar algum bem estar, alguma atividade? Eis sem dúvida a questão central. Mas como, por outro lado, tirar os adultos de seus finalismos, da eficácia exigida pela sociedade e que parece ter dominado até a raiz todo agir do Homem? A cartografia aparece assim como o dispositivo essencial dessa pesquisa, permitindo rearranjar o território, em suma, a criação de novos processos de territorialização.

Enfim uma última questão se apresenta. A cartografia desenvolvida na rede de Deligny aponta para um problema extremamente atual no campo da reflexão teórica e prática. Certamente, podemos afirmar que há um pensamento filosófico que emerge nos escritos de Deligny. Sobretudo vários de seus textos mais tardios, a partir de meados dos anos 1970, são cada vez mais teóricos e possuem operações conceituais bastante finas. Mas algo de fundamental acontece aí em relação a “filosofias clássicas”. Todos os conceitos

desenvolvidos por Deligny emergem da prática: o homenzinho (*bonhomme*), a jangada (*radeau*), as linhas de erro, etc., nascem da observação do trabalho cartográfico. É a partir em primeiro lugar da prática de se traçar mapas e em seguida de uma reflexão e discussão sobre eles que esses conceitos surgem. Do mesmo modo, a reflexão central sobre o humano nasce do encontro e da observação desse “modo de existência outro” em que consiste, para Deligny, o autismo. A cartografia como método de trabalho inverte assim a necessidade de uma reflexão prévia para em seguida agir; antes, ela impede e interdita essa necessidade. Ela é, desse modo, a forma mesma de uma prática que poderia se traduzir em campos políticos, sociais, estéticos e clínicos, mas a cada vez partindo de seu meio, desviando os *a priori* e premissas; uma prática que, sem dúvida, parte da sua posição para assim poder entender a posição que o observador ocupa e enfim poder deslocá-la.

A tentativa de Deligny e das presenças próximas em Cévennes consiste em uma posição de guerrilha radical contra a normatização. Aproximando-se muitas vezes mais de uma antropologia do que de uma clínica tradicional, Deligny buscou ao mesmo tempo observar modos de existência outros e formas de fabricá-los. No fim dos anos 1970, Deligny começa a falar de uma *singulière ethnïe*, de uma singular e particular etnia que ali surgia a partir da fabricação comum de um outro tipo de vida. Contra, pois, a homogeneização que implica toda concepção de homem, e que parece cada vez mais limitada em um mundo extremamente globalizado e concêntrico, Deligny invoca o humano.

A noção de “humano” avançada por Deligny reencontra, por outras vias, o projeto deleuzo-guattariano de se pensar um campo aberto e virtualmente infinito de *outras semióticas*. No quinto platô, *Sobre alguns regimes de signos*, Deleuze e Guattari fazem um breve inventário de semióticas ou regimes de signos conhecidos. Os regimes de signos são verdadeiras *funções de existência* da linguagem funcionando como agenciamentos de enunciação. Diferentes régimes de signos se cruzam e fazem aparecer no tempo e no espaço certas estruturas. A semiologia, por exemplo, é apenas um regime de signos entre outros. Da mesma forma que somos atravessados por diferentes linhas em diferentes velocidades, somos atravessados por diferentes semióticas – pré-significantes, significantes, pós-significantes, subjetivas, paranoicas, etc... O trabalho da pragmática ou da própria esquizoanálise é de traçar mapas que deem conta dessas diferentes relações. Mas em seguida, trata-se mesmo de criar novas semióticas ainda desconhecidas. A língua criada por Deligny, seu agenciamento de enunciação, e o trabalho das presenças próximas

nos serve assim como uma aplicação concreta e explícita desse programa no qual análise e criação se encontram. Busca de uma nova semiótica onde o código da normalidade (e da patologia), assim como a relação ao corpo e aos gestos já não se deixam significar pelo modo habitual do discurso psiquiátrico e psicanalítico mais clássicos.

Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles. “O que as crianças dizem”. In: *Critique et clinique*. Paris: Éditions de Minuit, 1993.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mille Plateaux*. Paris: Les éditions de Minuit, 1980.

DELEUZE, Gilles & Parnet, Claire. *Dialogues*. Paris: Champs Flammarion, 1999.

DELIGNY, Fernand. *Œuvres*. Paris: Éditions de l’Arachnéen, 2007.

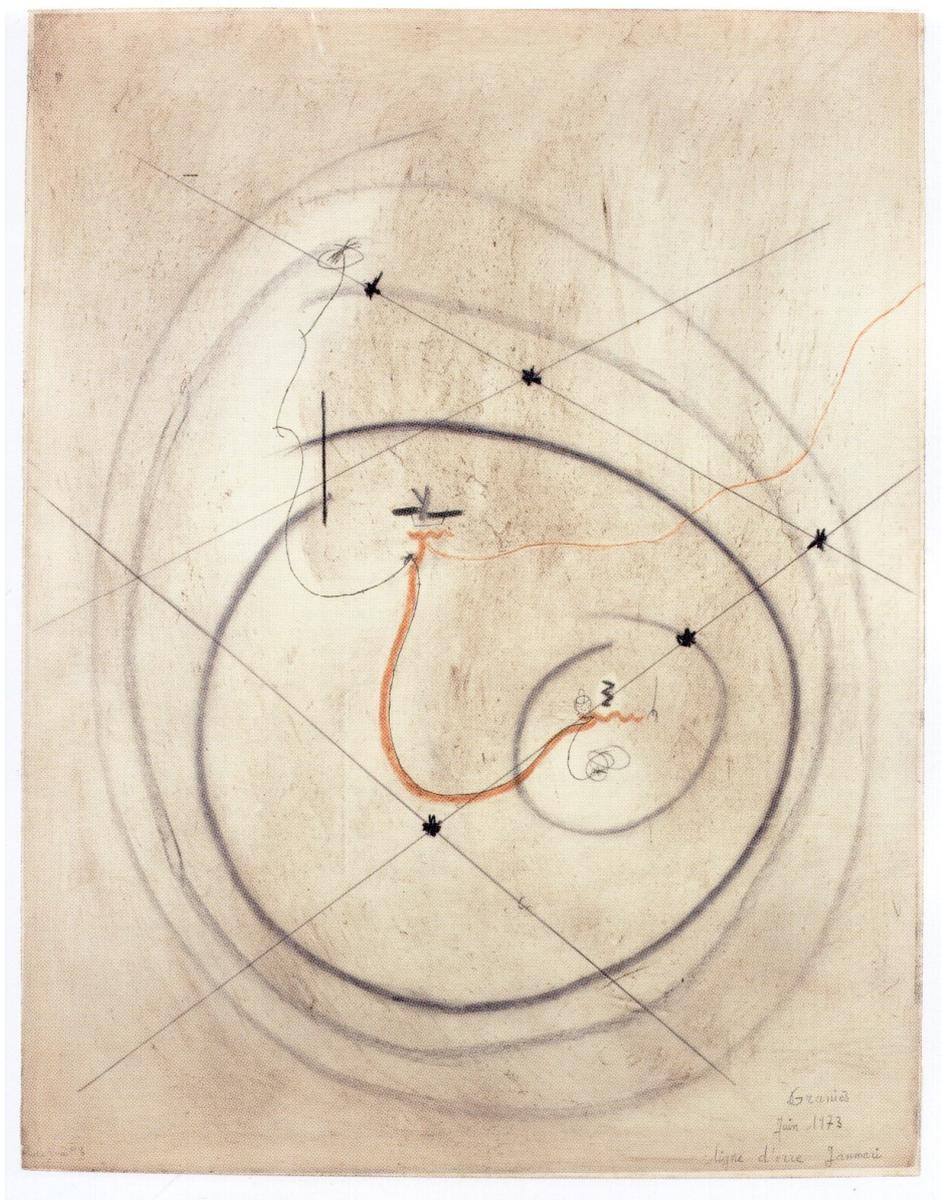
_____. *Le cinéma de Fernand Deligny* (DVD). Paris: Éditions Montparnasse, 2007.

_____. *L’arachnéen et autres textes*. Paris: L’Arachnéen, 2008.

_____. *Cartes et lignes d’erre*. Paris: Arachnéen, 2013.

GUATTARI, Félix. *La révolution moléculaire*. Paris: Les Prairies Ordinaires, 2012.

Anexo



Recebido em: 09/04/2015 – *Received in: 04/09/2015*

Aprovado em: 04/05/2015 – *Approved in: 05/04/2015*